

Sobre usos do comitativo em línguas africanas e a análise do ponto de referência

(On Comitative uses in African languages and the reference point analysis)

Paulo Jeferson Pilar Araújo¹, Dayane Cristina Pal²

^{1,2}Departamento de Linguística – Universidade de São Paulo (USP)

¹Bayreuth International Graduate School of African Studies – Universidade de Bayreuth (BIGSAS)

jefersonpilar@gmail.com, dayabrik@uol.com.br

Abstract: This article focuses on the syncretic nature of the comitative category and on the search for a conceptualist characterization of some constructions related to it. Some grammatical constructions are presented in African languages by observing the particularity of those languages in order to propose that the Reference Point Analysis, in the Cognitive Grammar framework, would be the common conceptualist base of all constructions related to the conceptual domain of comitative.

Keywords: Comitativo; african languages; reference points; cognitive grammar; conceptual domains.

Resumo: Este artigo focaliza a natureza sincrética da categoria Comitativo e busca uma caracterização conceptualista para as diversas construções relacionadas a essa categoria. Faz-se uma apresentação de construções gramaticais em línguas africanas observando-se a particularidade dessas línguas para então se propor que a Análise do Ponto de Referência, nos termos da Gramática Cognitiva, seja a base conceptualista comum a todas as construções relacionadas ao domínio conceitual do Comitativo.

Palavras-chave: Comitativo; línguas africanas; pontos de referência; gramática cognitiva; domínios conceituais.

Introdução¹

O domínio conceitual do Comitativo tem recebido uma maior atenção nos últimos anos, contando com um trabalho tipológico de fôlego (STOLZ; STROH; URDEZ, 2006), e aparecendo como uma categoria bem produtiva em diversas construções como as de posse predicativa (STASSEN, 2009; HEINE, 1997), coordenação (HASPELMATH, 2004; STASSEN, 2000), construções seriais (LORD, 1993), existenciais (ABDOULAYE, 2006), dentre outras. O Comitativo também já mereceu uma tentativa de delimitação com Arkhipov (2009), no entanto, o estatuto dessa categoria continua bastante controverso

¹ Agradecemos o apoio institucional do Fundo de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão-Fapema pela bolsa de estudos concedida entre 2009 e 2010 e 2013 e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-Capes, pela bolsa sanduíche concedida durante o ano de 2011. Parte deste trabalho foi realizado enquanto o primeiro autor esteve na *Bayreuth International Graduate School of African Studies-BIGSAS*, Alemanha, na condição de *Associated Junior Fellow*. Agradecemos também os comentários da professora Margarida Petter, coordenadora do Grupo de Estudos de Línguas Africanas-Gela, vinculado ao Departamento de Linguística da USP, e à colaboração de colegas falantes de baulê e quizombo que contribuíram com a solução de dúvidas no uso dos exemplos de suas línguas maternas. Os erros e problemas remanescentes são inteiramente nossos.

em sua relação com outras categorias com as quais ela sincretiza.² Em nossos trabalhos com línguas africanas temos verificado o papel significativo do Comitativo em diversas construções não tão comuns em línguas indo-europeias, razão de acharmos oportuno dedicar uma maior atenção a essa categoria, sem deixar de atentar para as particularidades tipológicas das línguas africanas.

Neste trabalho nos ocupamos de construções em línguas africanas relacionadas ao Comitativo, para então verificar a possibilidade de analisar essas construções a partir de uma base conceitual comum, os pontos de referência cognitivos ou nos termos da Gramática Cognitiva (LANGAKER, 2009, 2000), a “Análise do Ponto de Referência”.³

Este artigo está organizado da seguinte forma: iniciamos com a relação do domínio conceitual do Comitativo com outros domínios e uma proposta de delimitação em termos semânticos. Em seguida, apresentamos as construções que devem ser consideradas para uma tipologia do Comitativo em línguas africanas. O passo seguinte é o de verificar de que forma essas construções podem ser consideradas como Construções de Pontos de Referência, nos termos de Langacker (2000). Por fim, traçamos as considerações finais.

A relação do Comitativo com outros domínios conceituais

Heine e Kuteva (2002, p. 79-90) enumeram pelo menos dez possíveis processos de gramaticalização tendo as marcas de comitativo como origem, dentre eles o uso de partículas de valor comitativo para introduzir agentes de construções passivas; coordenação entre SNs ou entre sentenças; comitativos como marcas de progressivo; em construções existenciais; expressão do papel semântico de instrumento; expressão de posse predicativa, etc.⁴

O trabalho tipológico de Stolz, Stroh e Urdez (2006) tenta elaborar um mapa semântico dos sincretismos existentes entre o Comitativo e as funções gramaticais comumente associadas a ele, principalmente para as construções de agentividade, de coordenação, relações espaciais, possessivos e instrumento. Talvez o sincretismo mais conhecido seja o do Comitativo com Instrumento, conforme atestado pela Metáfora da Companhia de Lakoff e Johnson (1980), segundo a qual o uso do comitativo para a expressão de instrumento seria universal nas línguas do mundo.

Enquanto os trabalhos supracitados enfatizam a natureza polissêmica das partículas de comitativo nas línguas, Arkhipov (2009) tenta distinguir o Comitativo de outras categorias, algumas extremamente difíceis para uma distinção, como as de Acompanhamento e Associativo. Vejamos mais detalhadamente a proposta de Arkhipov (2009) para delimitação do domínio conceitual do Comitativo.

2 Sincretismo entre funções gramaticais é aqui entendido conforme Stolz (2001) para o caso em que uma mesma partícula tem usos para mais de uma função, a exemplo de comitativo e instrumento em português: “estou **com** uma faca na mão” e “eu corto o pão **com** uma faca”.

3 A terminologia é bastante variada para os processos cognitivos de relações de ponto de referência. Decidimos utilizar Análise de Pontos de Referência como um termo metateórico, enquadrando o que Langacker considera construções de pontos de referência.

4 Conferir o trabalho tipológico de Stolz, Stroh e Urdez (2006) para os possíveis sincretismos de funções gramaticais em um conjunto de mais de 400 línguas.

Delimitando o domínio conceitual do Comitativo

Arkhipov (2009) apresenta a seguinte definição para o Comitativo:

In a nutshell, comitative is defined as a particular construction type used to ‘pluralize’ a participant – that is, to predicate the same state of affairs of two individual participants, such that the main predicate itself is not repeated and the two participants are not equal in their syntactic status. (ARKHIPOV, 2009, p. 223)

Um exemplo em português seria:

- (1) João saiu **com** a Maria (Eles (João e Maria) saíram = João e Maria saíram).

Seguindo a definição acima, Arkhipov acredita ter encontrado uma forma de delimitar uma Construção Comitativa (genuína) com o objetivo de distinguir a categoria Comitativo de outras categorias gramaticais, de forma que um trabalho tipológico, a exemplo dos de Stassen (2000 e 2009), possa ser realizado. As partículas de comitativo são altamente polissêmicas em praticamente todas as línguas do mundo e, conforme notado por Haspelmath (2010), decidir quais os melhores “conceitos comparativos” (usados em trabalhos comparativistas e tipológicos) para tratar de “categorias descritivas” (particulares de língua para língua) é uma tarefa extremamente difícil devido ao que Haspelmath chama de PARTICULARISMO CATEGORIAL (CATEGORIAL PARTICULARISM). Segundo esse conceito, cada língua tem uma forma diferente de atribuição de traços para a delimitação de uma categoria gramatical. Não adentraremos de forma aprofundada no cerne desta questão levantada por Haspelmath, mas fazemos menção à proposta do autor por acreditarmos que a forma de definir o Comitativo em Arkhipov (2009) é um bom exemplo de como conceitos usados para fins comparativos em linguística desconsideram a forma particular de conceptualização em cada língua. Na proposta de Arkhipov, haveria uma “Construção Comitativa” (genuína) (=ComC), enquanto todas as outras categorias como a de Instrumento, Companhia, Associativo, etc. seriam “construções quase-comitativas”. O desafio em definir categorias gramaticais de uma forma que possam ser caracterizadas em termos semânticos e conceituais ao mesmo tempo em que as particularidades de conceptualização das línguas sejam respeitadas é um problema de solução controversa.

Acreditamos, no entanto, que a proposta conceptualista da Gramática Cognitiva de Langacker (2000, 2009), que advoga a natureza simbólica da gramática, categorias como o Comitativo podem ser caracterizadas a partir de processos cognitivos básicos, respeitando a particularidade de cada língua por ser uma teoria baseada no uso e pautar-se em esquemas construcionais ao invés de regras e restrições. Seguindo o espírito Boasiano de Haspelmath, nas próximas sessões apresentamos construções em línguas africanas nas quais o comitativo exerce papel fundamental, e sob a lente de Arkhipov todas deveriam ser consideradas “quase-comitativas”. Buscaremos mostrar a particularidade de cada construção para em seguida propormos que a definição de Comitativo de Arkhipov pode ser caracterizada melhor se atentarmos para uma possível base conceptual comum às construções chamadas pelo autor de genuínas e quase-comitativas.

Domínios conceituais do Comitativo em línguas africanas

Para este trabalho buscamos fazer, na medida do possível, uso de dados linguísticos acessíveis na literatura africanista ou específica para cada tópico discutido devido ao fato de não termos como preocupação fundamental a descrição detalhada de cada construção apresentada, mas tão somente exemplificar os principais traços tipológicos em que o Comitativo desempenha um papel importante nas línguas africanas e que de certa forma se diferenciam dos usos mais conhecidos nas línguas indo-europeias. As línguas selecionadas são as comumente citadas nos trabalhos voltados para os temas de cada subseção.

Comitativo e coordenação entre SNs

Sem dúvida o protótipo de um comitativo é a expressão de companhia juntamente com o associativo (STOLZ; STROH; URDEZ, 2006). Um conjunto de construções que abarcam esses dois principais sentidos e usos do comitativo é o da coordenação entre SNs ou “NP-conjunction” na terminologia tipológica de Stassen (2000). Na sua tipologia, Stassen sugere que as línguas do mundo fazem uso principalmente de duas alternativas para marcar a coordenação entre dois participantes, da seguinte forma: línguas que fazem uso de duas marcas diferentes para construções como em “A **and** B” (A e B) e “A **with** B” (A **com** B), como é o caso de boa parte das línguas indo-europeias, são denominadas como *AND-languages*. Para as línguas que fazem uso da mesma marca para as construções coordenativas e comitativas, como em “A **with/and** B” (A e/**com** B), o autor denomina como *WITH-languages*, este é o caso para a maioria das línguas bantas.⁵ Um dos achados tipológicos de Stassen (2000) é o que o autor chama de “AND-drift” (E-deriva), ou seja, a ideia de que as *WITH-languages* passariam por diferentes processos de gramaticalização para a formação de uma partícula coordenativa de NPs diferente da partícula comitativa. O continente africano é apontado pelo autor como a área linguística onde esses processos são bastante comuns (STASSEN, 2000, p. 27).

Um exemplo é a língua iraqw da Tanzânia. Nela, a adposição *nee* é usada tanto para a coordenação entre SNs (2a) como para o sentido de comitativo (2b):⁶

5 Seguimos a proposta de Fiorin e Petter (2008) e damos preferência às formas aportuguesadas das línguas africanas. Para não entrarmos no mérito da questão sobre a adequação ou não do aportuguesamento dos nomes das línguas, conforme comentários de um dos nossos pareceristas anônimos, remetemos o leitor à proposta supracitada e observamos que para o caso das línguas africanas, diferentemente das línguas indígenas brasileiras, muitas delas já contam com formas aportuguesadas e dicionarizadas, como é o caso de hauçá, quimbundo, suaíli, etc, inclusive a forma para plural e feminino “bantas” (HOUAISS, 2009).

6 As abreviaturas utilizadas são: ABL = ablativo; APL = aplicativo; COM = comitativo; CONJ = partícula com valor conjuncional; COP = cópula; DET = determinante; EXIST = existência; IMP = Imperativo; IMPF = imperfectivo; IMPS – impessoal; INST = instrumento; LOC = locativo; NAR = narrativo; NEG = negação; PAS = passado; PRS = presente; PRM = passado remoto; PSR = passado recente; PERF = perfeito; POSS = possessivo; VF = vogal final; 1-3SG = 1^a-3^a do singular; 1-3PL = 1^a-3^a do plural. Para indicar o sincretismo entre funções utilizamos a notação X/Y, como exemplo para o comitativo e instrumento: COM/INST. Para fins de padronização das glosas, os exemplos foram simplificados, de forma que foram omitidos os números indicadores das classes nominiais como também a indicação das zonas das línguas bantas, como é feito na tradição bantuísta. Sugerimos que as fontes originais sejam consultadas, seja para contrastar com a simplificação feita neste artigo como também para possíveis citações.

- (2) Iraqw (Afro-asiática, Cuchítica; MOUS, 2004, p. 112-113)
- a. *muu-dá nee dama-r-ín ta-ri waráahh*
 Pessoas-DEM **COM/CONJ** panturrilha-3PL-POSS IMPS-NAR passar.PAS
 ‘As pessoas e suas panturrilhas passaram’ (As pessoas com suas panturrilhas passaram)
- b. *ino’ín ta qaró waráahh nee hikwa-ín*
 3PL IMP já passar.PAS **COM/CONJ** gado-POSS
 ‘Os outros já passaram com o seu gado’

Em quizombo, dialeto do quicongo, há a possibilidade de algumas ambiguidades entre os sentidos de companhia e conjunção entre NPs, como atestado no exemplo (3a) abaixo:⁷

- (3) Quizombo (Nigero-congolês, Banto central; TECA; ARAÚJO, em preparação)
- a. **Yándì didì lòsò yé màdèsò*
 3SG Comer.PSR arroz **COM/CONJ** feijão
yé mwànà
COM/CONJ criança
 ‘Ele comeu arroz e feijão e o filho’ (Sentido de que ele comeu o filho juntamente com arroz e feijão)
- b. *yándì yé mwànà á-didì lòsò*
 3SG **COM/CONJ** criança 3PL-comer.PSR arroz
yé màdèsò
COM/CONJ feijão
 ‘Ele e o filho comeram arroz e feijão’

Comitativo e possessivo

Nos dois principais trabalhos tipológicos sobre posse predicativa (STASSEN, 2009; HEINE, 1997), dentre as estratégias mais recorrentes para a expressão de posse nas línguas do mundo, encontramos o comitativo em construções que seguem uma fórmula “X is with Y” (X está com Y” no sentido de “X tem Y” (STOLZ, 2001).⁸ Como grandes representantes dessa estratégia estão as línguas bantas. O uso de verbos comitativos para a expressão de posse é também encontrado em línguas dos continentes australiano e americano. Abaixo alguns exemplos de línguas bantas:

- (4)⁹ Quimbundo (Nigero-congolês, Banto central; XAVIER, 2010, p. 131)
- ù-énd-à nì mù-zúmbù kì-ù-á-ǰímbà-él-él-è*
 3SG-anda-IMPF **COM/POSS** LOC-lábios NEG-PRM-3SG-esquecer-PERF-APL-VF
 ‘ele anda com beijos, ele não (se) perdeu’ (Ele tem boca, não se perde)
- (5) Tsuana (Nigero-congolesa, banto do Sudoeste; CREISSELS, [s.d.], p. 3)¹⁰

7 A ambiguidade em 3(a) pode ser desfeita com o acréscimo da palavra “kùmósi” antes de “yé” mwànà: (Ele comeu arroz e feijão junto com o filho).

8 As outras estratégias utilizadas pelas línguas para a expressão de posse são o uso de cópula ou verbos com sentido existenciais em construções locativas e existenciais ou o uso de um verbo equivalente a “to have” do inglês.

9 Provérbio equivalente a “Quem tem boca vai a Roma”.

10 Nestes dois exemplos, Creissels observa que em sentenças afirmativas o morfema “na” é usado junta-

- a. *ke na le madi.*
 1SG COP COM/POSS dinheiro
 ‘eu tenho dinheiro’ (Eu estou com dinheiro)
- b. *Ga ke na madi*
 NEG 1SG COM/POSS dinheiro
 ‘eu não tenho dinheiro’ (Eu não estou com dinheiro)

(6) Leembama (Nigero-congolesa, banto da floresta; OKOUDOWA, 2010, p. 182)

- wε na mw-ánáńkéri ka tuvr-áá ngúrúbalaxa ní*
 2SG COM/POSS sobrinhoNEG insultar-HAB tio NEG
 ‘Você com/tem sobrinho, não insulte seu tio’ (Se você tem sobrinho, não insulte seu tio)

Apesar do uso da estratégia comitativa ser um traço forte nas línguas bantas, Stassen (2009, p. 416, 418) apresenta exemplos de outros troncos linguísticos como o nilo-saariano, em (7) e o afro-asiático em (8):¹¹

(7) Kukú (Nilo-saariano, nilótico oriental; COHEN, 2000, p. 133)

- ǰ kɔ píli*
 1SG COM/POSS pilili
 ‘eu tenho um pilili’

(8) Hauçá (Afro-asiático, chádico; NEWMAN, 2000, p. 161)

- Ta-na dà sabuwar munduwa.*
 3SG-PROG COM/POSS novo bracelete
 ‘Ela tem um novo bracelete’

Comitativo e instrumento

Sabemos agora, com os estudos de Stolz, Stroh e Urdez (2006), que o sincretismo entre marcas de comitativo com instrumento não é tão universal como pretendiam Lakoff e Johnson (1980) com a Metáfora da Companhia. Boa parte das línguas do mundo usa uma estratégia em que o Comitativo e o Instrumento são geralmente distintos, como é o caso da língua iraqw (MOUS, 2004, p. 112), no entanto, em algumas línguas africanas, como o baulê, o eve, o fon, o quicongo, etc. essas funções são sincretizadas, traço tipológico bastante comum entre as línguas indo-europeias também. Vejamos o caso do baulê.

mente com “le”, carregando o sentido de “estar com”, sendo glosado como COP no primeiro exemplo, porém, em sentenças negativas, o “na” ocorre sozinho como um verbo comitativo, sendo assim glosado como COM no Segundo exemplo. Com isso, o autor faz algumas considerações sobre o estatuto do morfema “na”: “Historically, the variant *na-* (which has a very limited distribution and is never obligatory) is a reflex of the Proto-Bantu comitative preposition **na*, whereas the productive variant *le* has obvious cognates in the other Southern Bantu languages only, and its etymology remains a mystery.” Conferir Nurse (2008) para uma discussão sobre a distribuição de *na* em línguas bantas.

¹¹ As línguas africanas são classificadas em quatro grandes troncos ou filios linguísticos: Nigero-congolês, Afro-asiático, Nilo-saariano e Coissan (Cf. BONVINI, 2008).

O baulê possui o morfema *nì* cuja função básica é a de exprimir relações de coordenação entre dois termos, pronomes e nomes. Esse morfema pode introduzir um nome com valor de acompanhamento. Em (9a), estabelece-se a coordenação de dois termos que preenchem a função sintática de argumento externo do verbo. A cena descrita nessa construção, porém, é a de alguém que trouxe consigo frutas. O mesmo morfema coordenativo *nì* é empregado para introduzir um instrumento (9b):

(9) Baulê (Nigero-congolês, cuá; CREISSELS; KOUADIO, 1977, p. 348, 344)

a. ɔ# **nī** Wākāmă bà-lī
 3Ss **CONJ/COM** fruta vir-PERF
 ‘Ele com frutas veio’ (Ele trouxe frutas)

b. ɔ# **kpé-li** kpa’ún **Nī** la’liē
 3Ss **cortar-PERF** pão **COM/INST** faca
 ‘Ele cortou o pão com uma faca’

Comitativo e Existencial/Locativo

O comitativo também participa na expressão de existenciais, como nos exemplos do hauçá e quissuaili abaixo:

(10) Hauçá (Afro-asiático, chádico; ABDOULAYE, 2006, p. 1124)

Dà *mutàanee* *màasu* *shâ-n* *wannàn* *taabàa*.
COM/EXIST pessoas donos.de beber-de este tabaco
 ‘Há pessoas que fumam esses cigarros.’

(11) Quissuaili (Nigero-congolês, Banto central; HEINE; KUTEVA, 2002, p. 84)

Ku- **na** *asali* *nyingi*.
 LOC **COM/EXIST** mel muito
 ‘Há muito mel.’

Stolz, Stroh e Urdez (2006) atestam a pouca produtividade de sincretismo entre as marcas de comitativo com expressões de espaço nas línguas do mundo, porém, em quizombo encontramos o uso de *yé* (marca do comitativo) em construções de mudança de localização:

(12) Quizombo (Nigero-congolês, banto central; TECA; ARAÚJO, em preparação)

túkà *kù-nzó* **yé** *kùnà* *kókò 15* *mìnùtì* *mù-màlù*
 ABL LOC-casa **COM(até/para)** LOC rio 15 minuto LOC-pé
 ‘De casa para o rio são 15 minutos a pé’ (Da casa com o rio são 15 min. no pé.)

Comitativo e construções seriais

Em seu estudo sobre gramaticalização em construções seriais, Lord (1993, p. 47-64) sugere que preposições de valor comitativo como *kpèlu* do iorubá, o *kplé* do eve e o *kpôdô* do fon surgiram de verbos em construções seriais e que essas preposições podem ainda assumir a mesma posição de verbo em configurações similares às de uma construção serial, indicando assim sua origem verbal (Comparar exemplos em (9a) e (13)).

Ainda em uma construção serial é possível depreender o sentido de comitativo mesmo sem um morfema específico para o valor de comitativo, como no exemplo abaixo do baulê:

(13) Baulê (Nigero-congolês, cuá; KOUADIO, 2000, p. 83)

ɔ *fā-li* *dwō* *bà-lī*

3SG pegar-PERF inhame vir-PERF

‘ele trouxe o inhame’ (Ele pegar inhame vir/Ele com inhame veio)

O verbo *fa* em seu sentido mais prototípico remete a traços de volição e posse e estabelece uma relação de posse/companhia entre o participante da cena descrita e o objeto nela relacionado. Por extensão metafórica, esses traços são também identificados em construções seriais. No caso do exemplo (13) acima, por meio desse verbo depreende-se que o participante da cena descrita carrega, traz consigo o inhame. A cena completa seria a de vir e trazer o inhame ou vir COM o inhame.

A base conceptual para o Comitativo: a Análise do Ponto de Referência

Para todas as construções apresentadas nas subseções anteriores, buscamos atentar para a sugestão de Haspelmath (2010) quanto ao PARTICULARISMO CATEGORIAL das línguas africanas. Em cada construção apresentada, a definição de Construção Comitativa (genuína) de Arkhipov (2009) torna extremamente restritiva a relação do Comitativo com outras construções com as quais as fronteiras entre domínios conceituais são não discretas, desde construções mais prototípicas, como as de coordenação de NPs, para construções nem tão prototípicas como em construções seriais. Por outro lado, se tomarmos uma posição conceptualista de gramática como proposta por Langacker (2000) vemos que é possível identificar as operações cognitivas que apontem para uma base conceptual comum e esquemática suficiente para abarcar todas as construções em que o comitativo exerce algum papel.

Como apontado por Tribushinina (2008), a noção de pontos de referência cognitivos foi introduzido por Rosch (1975) em seus trabalhos sobre protótipos na categorização de cores. Os pontos de referência foram bastante estudados em Psicologia Cognitiva. Em Linguística temos com Langacker (2009; 2000) diversas aplicações da noção de Pontos de Referências Cognitivos para construções gramaticais de difícil caracterização, notadamente as construções possessivas (LANGACKER, 2003). A Análise do Ponto de Referência é também considerada como a base conceptual para diversas construções, além das construções possessivas já mencionadas, construções de tópico, dêiticos, metonímia (Langacker, 2000) e anáfora pronominal (VAN HOEK, 2007). A figura abaixo representa a operação de ponto de referência como utilizada em Gramática Cognitiva:

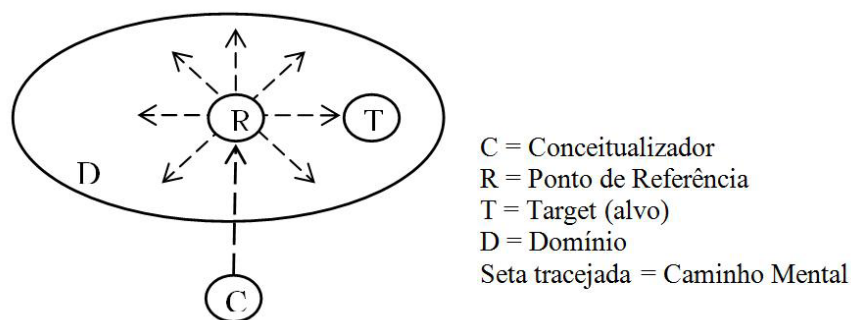


Figura 1. Análise do Ponto de Referência

Nas palavras do autor:

[...] the reference point ability is our capacity to invoke one conceived entity as a means of establishing mental contact with another, i.e. mentally accessing one entity **via** another. The conceptualizer (C) first directs attention to the entity serving as **reference point** (R). Attending to R evokes a set of associated entities, collectively called its **dominion** (D), one of which is the **target** (T). A reference point relationship is thus a matter of sequenced mental access, where directing attention to R makes it possible to then direct attention to T. (LANGACKER, 2009, p. 82)

Essa é a caracterização esquemática da Análise do Ponto de Referência. Para que se dê conta de todas as outras instanciações que tenham a habilidade do ponto de referência como base conceitual, Langacker demonstra que outros processos cognitivos como a relação assimétrica entre figura e fundo, nos termos técnicos de Langacker, o alinhamento entre Trajetor (TR) e Marco (MR) e o perfilamento decorrente do *construal*¹² de uma cena serão também determinantes. Na impossibilidade de apresentar todos os construtos usados em Gramática Cognitiva para representar em diagramas os padrões de uma construção, reservaremos algum espaço para exemplificar a forma como Langacker trabalha com sua notação, de forma que não fique pesadamente técnica a análise, mas que possa ser possível seguir intuitivamente o modelo de análise proposto em Gramática Cognitiva.

O alinhamento entre TR e MR especificam os elementos de maior e menor proeminência, respectivamente. Numa pergunta como “onde está o livro?” para uma resposta “o livro está em cima, na prateleira”, aponta para o “livro” como o elemento de maior proeminência, portanto, considerado o TR, enquanto que a “prateleira”, mesmo que esteja presente na cena, tem menor proeminência que o “livro”, sendo assim o MR. Nas figuras abaixo, representamos as duas situações em que o livro está localizado na parte de cima de uma prateleira e inserido nela. Os círculos e linhas espessos significam que a atenção do Conceitualizador (C), falante ou ouvinte, está tomando os elementos Ponto de Referência (R) e o alvo (T) como figura e o Domínio (D) como fundo na Figura 2(a). Na Figura 2(b) o Ponto de Referência se confunde com o Domínio, dando assim o sentido de inclusão da preposição *em* do português:

¹² Nem todos os termos da Gramática Cognitiva possuem uma tradução equivalente em português ou já aceita pelos pares brasileiros como o caso de perfilamento para *profiling* ou Trajetor e Marco para *Trajector* e *Landmark*. Decidimos manter o termo *construal*.

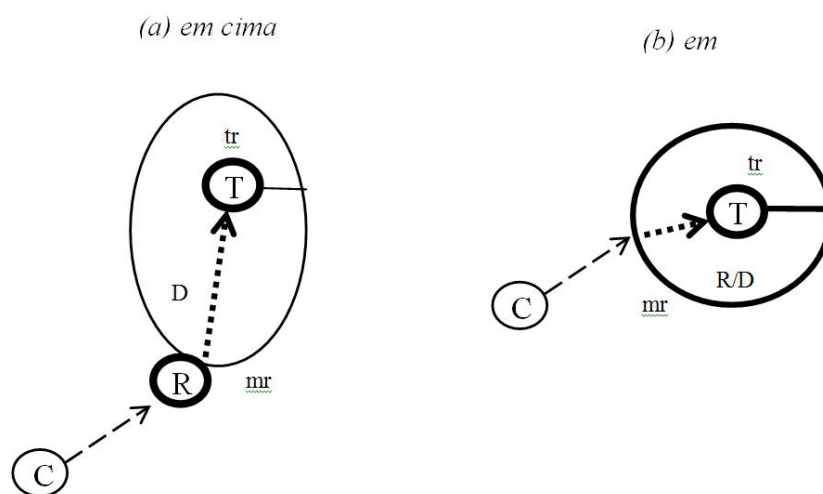


Figura 2. Orientação espacial na análise do ponto de referência

Como já mencionado, a Análise do Ponto de Referência tem sido usada principalmente para a descrição de construções de posse (LANGACKER, 2000, 2003), de forma que para adentrarmos na questão do Comitativo apresentamos primeiramente como Langacker trata das construções possessivas para então delineararmos nossa proposta de como a mesma análise pode ser usada em nosso estudo.

Langacker constata inicialmente que o domínio de posse abrange diversas situações relacionais entre duas entidades, um possuidor (PR) e um possuído (PD) e que tanto nas construções de posse adnominal como de posse predicativa uma entidade mais saliente é evocada com o propósito de estabelecer contato mental com uma entidade alvo menos saliente. Nesse caso, a habilidade do ponto de referência seria a operação cognitiva por trás das relações possessivas e que demonstraria de forma mais intuitiva o tipo de relação assimétrica que acontece entre as entidades PR e PD.

A Análise do Ponto de Referência explicaria melhor a natureza da relação entre PR e PD por indicar a assimetria da relação entre as duas entidades nas relações de posse, como exemplo: “o pescoço da menina” e a situação assimétrica: “a menina do pescoço”; “o assassinato do presidente” de “o presidente do assassinato”, etc. Para Langacker (2003, p. 21): as estratégias de expressão de posse predicativa são alternativas funcionais comparáveis. A equivalência entre uma língua que faz uso de verbos do tipo “to have” (*Have-possessive languages*) e línguas que fazem uso de cópula (*Be-possessive languages*) para expressar posse predicativa se reflete no nível estrutural composto (*composite structure level*), nível decorrente do emparelhamento de estruturas no nível de componentes (*component structures level*). As diferenças se dariam pelos processos de perspectivização, como já citados, de perfilamento, alinhamento entre TR e MR, etc. Nos gráficos abaixo, Langacker (2009, p. 89) demonstra que as operações de alinhamento entre TR e MR permitem visualizar a alternância entre um possessivo no nível nominal, na Figura 3(a). para o nível oracional, Langacker usa os termos *Be-possessivos* e *have-possessivos* para línguas que fazem uso de cópula ou verbos equivalentes a “ter”, respectivamente:

(a) *Possessivo Nominal*

(b) *HAVE Possessivo*

(c) *BE Possessivo*

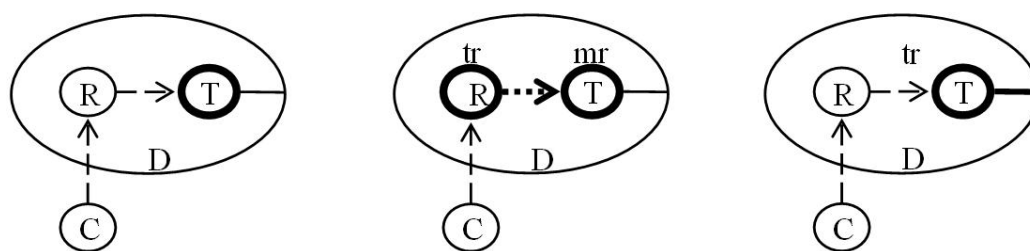


Figura 3. Distinção entre possessivos a partir da Análise do Ponto de Referência

Na Figura 3(a), um possessivo nominal se caracteriza por perfilar uma *coisa*, enquanto um possessivo oracional perfila um *processo*, indicado pelos círculos e a seta entre R e T, mais espessa. A seta tracejada entre R e T na Figura 3(b) indica o controle de R sobre T, característica semântica de um possessivo. Uma entidade é possuída quando está sob controle, físico, experiencial ou social por outra entidade. Na Figura 2(c), as línguas que fazem uso de cópula ou verbos comitativos para a expressão de posse têm o seu ponto de referência com um papel mais passivo. O Alvo T continua sendo acessado via R, mas este exerce um papel mais tênue, sendo assim T é o elemento perfilado assumindo o estatuto de TR. Com isso, a Análise do Ponto de Referência seria a representação esquemática de um possessivo arquetípico, enquanto todas as outras formas de possessivo como propriedade (posse legal sobre algo), parte-todo (partes do corpo), parentesco (relações sociais), etc. seriam instanciações mais específicas de um esquema relacional de posse. De uma representação altamente esquemática como a da Figura 1 até as diferentes instanciações de possessivos das figuras 2(a-c) decorrem outros processos cognitivos como arraigamento (entrenchment) e subjetivização da experiência (LANGACKER, 2009, p. 2-3, 85).¹³

Para o Comitativo, propomos que seja o mesmo caso. Arkhipov considera o Comitativo como uma construção para “pluralizar” um conjunto numa situação assimétrica de forma que os participantes compartilhem da mesma asserção no evento descrito. Fica relativamente fácil de observar a proximidade dessa definição feita por Arkhipov com o que temos visto até o momento sobre os pontos de referência. Porém, como seria na notação da Análise do Ponto de Referência tal relação? Decidimos que uma possível convenção para o Comitativo seria esta apresentada abaixo:

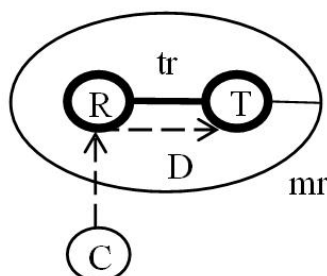


Figura 4. Comitativo e Análise do Ponto de Referência

¹³ Para arraigamento “entrenchment” (lit. entrincheiramento) entende-se como o estabelecimento de unidades linguísticas que se tornam padrões cognitivos ou rotineiros. Subjetivização é um processo similar ao da gramaticalização (Cf. LANGACKER, 2000).

A linha espessa entre R e T daria a ideia de que duas entidades podem ser conceptualizadas como um único participante, tendo a relação de pontos de referência ainda como a representação esquemática. O Conceptualizador perfila as duas entidades como um único TR, enquanto o Domínio serve como o MR. À primeira vista, a Análise do Ponto de Referência se adequa bem ao que Arkhipov chama de Construção Comitativa (genuína). Quanto às construções quase-comitativas, para o caso das cinco construções descritas acima, sugerimos que são as diversas operações de perspectivização, isto é, as diferentes possibilidades de alinhamento entre TR e MR é que caracterizariam semanticamente as diferentes instanciações de um comitativo.

A ambiguidade observada em *quizombo* no exemplo 3(a) se daria pelo fato de em *quizombo* a preposição *yé* não permitir alinhar o filho como TR juntamente com o pai, precisando fazer uso da palavra “*kumosi*”. Em 3(b), porém, pelo o filho estar juntamente com o pai numa posição de sujeito, ambos são perfilados como TR na sentença, enquanto que o MR, arroz e feijão, são menos proeminentes.

O uso de verbos com valor comitativo para posse já foi explicado nos parágrafos acima, seguindo a explicação de Langacker, a de que um PR é sempre um ponto de referência para o PD. Poderíamos considerar que uma relação prototípica para um comitativo, em que A está perto e acompanhado por B, conforme Figura 4, guarda a mesma relação daquela dos possessivos. *Grosso modo*, uma entidade a ser acompanhada serve como um ponto de referência R para que se acesse a entidade que será a companhia, neste caso, o alvo T da relação de companhia. Relação similar à de possessivo.

Para o uso de instrumento, como em 9(b), o instrumento é perfilado como TR, o primeiro elemento de proeminência, enquanto o pão cortado é o ponto de referência para a faca. A atenção do Conceptualizador passa pelo pão cortado para chegar à faca.

Talvez os casos menos prototípicos para comitativo sejam os das construções existenciais/locativas e seriais. Nelas as partículas de comitativo parecem perder basicamente o sentido prototípico de Companhia para serem usados como marcas de relações espaciais ou de estruturação de evento. Novamente afirmamos que todas elas são construções que tem como base pontos de referência. A habilidade de ponto de referência se mantém latente nessas construções, mesmo que elas sejam instanciações menos prototípicas. Podemos ainda perceber o caráter de ponto de referência de construções existenciais como em (10) e (11) se tomarmos os elementos existentes, pessoas e mel, como o alvo (T) que é perfilado. Em outras palavras, pessoas e mel são perfilados no Domínio (D) de existir, conforme Figura 3(c).

Considerar uma construção serial como em (13) com um sentido comitativo seria o mesmo que tomar o primeiro evento “pegar o inhame” como o ponto de referência para o qual o evento de vir é o alvo (T). Na conceptualização da construção serial como um único evento, os traços de volição e posse do verbo *fa* remetem ao de companhia do objeto de posse, permitindo uma leitura comitativa.

Em todas as construções, a proeminência dada a um ou outro elemento numa relação de ponto de referência é determinante para a forma como os itens lexicais podem integrar distintas construções gramaticais de acordo com o a opção de perfilamento feita pelo Conceptualizador, falante e/ou ouvinte.

Considerações finais

Acreditamos que a Análise do Ponto de Referência constitui-se como um construto teórico promissor para a compreensão da variedade de casos em que partículas de comitativo atuam em diferentes construções, de modo particular em determinadas línguas. Alguns traços tipológicos de línguas africanas, como o uso de partículas de comitativo para posse predicativa, em expressões espaciais e construções seriais, apontam para essa variedade de casos. Frente a isso, caracterizar uma categoria como o Comitativo a partir de operações cognitivas básicas, como a capacidade de direcionar a atenção a uma entidade por via de outra entidade, ou seja, fazer uso de pontos de referência para a conceptualização de diferentes situações permite que se dê conta do alto grau de sincretismo que uma categoria gramatical pode apresentar. Neste ponto, a análise proposta por Langacker (2000) coaduna-se com a tentativa de Arkhipov (2009) de encontrar uma definição bastante esquemática para a categoria do Comitativo, dando conta das várias instanciações dessa categoria, desde as mais prototípicas até as menos prototípicas.

Ao mesmo tempo em que uma base conceptual é eleita como básica para boa parte dos usos de uma categoria, atentar para o fato de que cada língua tem uma forma específica de lidar com certas categorias, ou seja, tem diferentes formas para a conceptualização e categorização, respeita de certo modo o PARTICULARISMO CATEGORIAL defendido por Haspelmath (2010). Concordamos, no entanto, que a brevidade de como o construto teórico da Análise do Ponto de Referência foi apresentado neste artigo e o leque de construções consideradas deixam a desejar um maior aprofundamento da proposta. Este é nosso intento após esta primeira proposta cognitiva para o Comitativo.

REFERÊNCIAS

- ABDOULAYE, M. Existential and possessive predication in Hausa. *Linguistics*, v. 44, n. 6, p. 1121-1164, 2006.
- ARKHIPOV, A. Comitativo as a cross-linguistically valid category. In: EPPS, P.; ARKHIPOV, A. *New challenges in typology – transcending the borders and refining the distinctions*. Berlim: Mouton de Gruyter, 2009.
- BONVINI, E. Línguas africanas e português falado no Brasil. In: FIORIN, J. L.; PETTER, M. *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008.
- COHEN, K. B. *Aspects of the grammar of Kukú*. Munique: LINCOM Europa, 2000.
- CREISSELS, D. Control and the evolution of possessive and existential constructions. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.deniscreissels.fr/public/Creissels-ev.poss.exist.constr.pdf>>. Acesso em: maio 2011.
- CREISSELS, D.; KOUADIO, N. *Description phonologique et grammaticale d'un parler baoulé*. Institut de Linguistique Appliquée, Université Nationale de Côte-d'Ivoire, 1977.
- FIORIN, J. L.; PETTER, M. *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008.

HASPELMATH, M. Comparative concepts and descriptive categories in crosslinguistic studies. *Language*, v. 86, n. 3, p.663-687, 2010.

_____. *Coordinating constructions*. (Typological Studies in Language 58) Amsterdam: Benjamins, 2004.

HEINE, B. *Possession*. Cognitive Sources, Forces, and Grammaticalization. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

HEINE, B.; KUTEVA, T. *World Lexicon of Grammaticalization*. Cambridge: CUP, 2002.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva. Versão 3.0 [CD-ROM], 2009.

KOUADIO, J. Les séries verbales em baoulé: questions de morphosyntaxe et de sémantique. *Studies in African Linguistics*, v. 29, n.1, spring 2000.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, R. *Investigations in Cognitive Grammar*. Berlim: Mouton de Gruyter, 2009.

_____. Strategies of clausal possession. *International Journal of English Studies*, v. 3, n. 2, p. 1-24, 2003.

_____. *Grammar and Conceptualization*. Berlim: Mouton de Gruyter, 2000.

LORD, C. *Historical change in serial verb constructions*. Amsterdam: John Benjamins, 1993.

MOUS, M. The grammar of conjunctive and disjunctive coordination in Iraqw. In: HASPELMATH, M. *Coordinating constructions*. (Typological Studies in Language 58) Amsterdam: Benjamins, 2004.

NEWMAN, P. *The Hausa language: an Enciclopedic Reference Grammar*. New Haven: Yale University Press, 2000.

NURSE, D. *Tense and Aspect in Bantu*. New York: Oxford University Press, 2008.

OKOUDOWA, B. *Morfologia verbal do lembaama*. 2010. 170f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ROSCH, E. Cognitive reference points. *Cognitive Psychology*, v. 7, p. 532-547, 1975.

STASSEN, L. *Predicative Possession*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

_____. AND-languages and WITH-languages. *Linguistic Typology*, v. 4, n. 1, p. 1-4, 2000.

STOLZ, T.; STROH, C.; URDZE, A. *On Comitatives and related categories: a typological study with special focus on the languages of Europe*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2006.

STOLZ, T. To be with X is to have X: comitatives, instrumentals, locative, and predicative possession. *Linguistics, An Interdisciplinary Journal of the Language Sciences*, v. 39, n. 2, p. 321-350, May 2001.

TECA, A.; ARAÚJO, P. J. P. *A grammatical sketch of kizombo (H. 16h), dialect of Kikongo (Angola)*. (Em preparação).

TRIBUSHININA, E. *Cognitive reference points: semantics beyond the prototypes in adjectives of space and colour*. The Netherlands: LOT, 2008.

VAN HOEK, K. Pronominal anaphora. In: GEEAERTS, D.; CHYCKENS, H. (Ed.). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. New York: Oxford University Press: 2007.

XAVIER, Francisco da Silva. *Fonologia Segmental e Supra-Segmental do Quimbundo – Variedades de Luanda, Bengo, Quanza Norte e Malange*. 2010. 158f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.